

PAISAGEM EM FOTOGRAFIA: SOBRAL EM DEZ VERSÕES

Mirtes Barbosa Gomes¹

Nilson Almino de Freitas²

RESUMO

A presente pesquisa pensa a paisagem cultural como “natureza, habitat, artefato, sistema, problema, riqueza, ideologia, história, lugar e estética” a partir de conjunto de fotografias produzidas por jovens discentes do ensino médio de duas escolas públicas: Dr. João Ribeiro Ramos e Professor Luís Felipe na cidade de Sobral, localizada no estado brasileiro do Ceará. Estimulamos a produção de fotografias a partir de intervenção pedagógica nomeada como “Círculos de Cultura”. Esses dez conceitos foram considerados na percepção da paisagem cultural. A metodologia consiste na construção de conhecimento de forma compartilhada, optando pelo uso de fotografia, como recurso mediador de diálogo e fonte de pesquisa na busca pela compreensão e interpretação da paisagem cultural. No final do processo entendemos a complexidade da discussão sobre a paisagem na cidade, os conflitos, as diferenças e a sinergia de compreensões que vão além de uma cidade em particular.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem Cultural, Fotografia, Círculos de Cultura, Juventude, Cidade.

LANDSCAPE AND PHOTOGRAPHY: SOBRAL IN TEN VERSIONS

ABSTRACT

This research looks at the cultural landscape as “nature, habitat, artifact, system, problem, wealth, ideology, history, place and aesthetics” based on a set of photographs produced by young high school students from two public schools: Dr. João Ribeiro Ramos and Professor Luís Felipe in the city of Sobral, located in the Brazilian state of Ceará. We encouraged the production of photographs through a pedagogical intervention called “Culture Circles”. These ten concepts were considered in the perception of the cultural landscape. The methodology consists of building knowledge in a shared way, opting for the use of photography as a mediating resource for dialog and a source of research in the search for understanding and interpretation of the cultural landscape. At the end of the process, we understood the complexity of the discussion about landscape in the city, the conflicts, the differences and the synergy of understandings that go beyond one particular city.

KEYWORDS: Cultural Landscape, Photography, Culture Circles, Youth, City.

1 Doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará – PROPGEO/UECE e Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – PROPGEO/UVA. Email: mirtesbarbosa@hotmail.com.

2 Professor da área de Antropologia da Universidade Estadual Vale do Acaraú, professor do quadro permanente do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará – PROPGEO/UECE e do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional da Universidade Estadual Vale do Acaraú – PROFSOCIO/UVA. Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Email: nilsonalmino@hotmail.com.

PAISAJE Y FOTOGRAFÍA: SOBRAL EN DIEZ VERSIONES

RESUMEN

Esta investigación analiza el paisaje cultural como «naturaleza, hábitat, artefacto, sistema, problema, riqueza, ideología, historia, lugar y estética» a partir de un conjunto de fotografías producidas por jóvenes estudiantes de secundaria de dos escuelas públicas: Dr. João Ribeiro Ramos y Profesor Luís Felipe de la ciudad de Sobral, situada en el estado brasileño de Ceará. Fomentamos la producción de fotografías mediante una intervención pedagógica denominada «Círculos de Cultura». Estos diez conceptos fueron considerados en la percepción del paisaje cultural. La metodología consiste en construir conocimiento de forma compartida, optando por el uso de la fotografía como recurso mediador para el diálogo y fuente de investigación en la búsqueda de comprensión e interpretación del paisaje cultural. Al final del proceso, comprendimos la complejidad de la discusión sobre el paisaje en la ciudad, los conflictos, las diferencias y la sinergia de entendimientos que van más allá de una ciudad en particular.

PALABRAS CLAVE: Paisaje Cultural, Fotografía, Círculos Culturales, Juventud, Ciudad.

1. PAISAGEM, SIMBOLOGIA E SUBJETIVIDADE

O artigo tem como propósito discutir algumas nuances da análise da paisagem cultural urbana de Sobral a partir de conjunto de fotografias produzidas por jovens discentes do ensino médio de duas escolas públicas: Dr. João Ribeiro Ramos e Professor Luís Felipe, instituições localizadas na cidade de Sobral, no estado brasileiro do Ceará. O propósito foi entender as percepções destes jovens, usando a produção fotográfica delas e deles como método e fonte, considerando-os como protagonistas de interações e dinamismo capazes de moldar o espaço habitado através de suas manifestações culturais. A escolha destas escolas se justifica pela localização no centro da cidade, onde abriga o sítio histórico tombado como patrimônio cultural nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, no ano 2000 e, ao mesmo tempo, serem moradores de vários bairros periféricos pobres da cidade. Ambas as escolas são de grande porte. A Escola Luís Felipe possui 1215 alunos matriculados no ano de 2024, vindo de cerca de 27 bairros da cidade. É a maior dentre as duas. A Escola Ribeiro Ramos possui 506 alunos matriculados, vindos de cerca de 10 bairros diferentes.

O uso da imagem técnica, conceito a ser melhor definido mais a frente, se explica pela forte adesão dos jovens à cultura visual. Vivemos em um mundo onde as redes sociais imperam e há uma democratização da produção da imagem com a facilidade de acesso via celulares e outros aparelhos tecnológicos. A juventude é sempre lembrada como vanguarda neste campo. Carrano (2003) lembra que para compreender a juventude hoje, devemos

lembrar que este segmento social também é promotor de agências e processos na cidade. Sem esquecer o contexto sociocultural e espacial que cada jovem vive. A juventude não é unidade na cidade. É comum ouvirmos ser verbalizados pelos jovens que conhecemos que possuem uma sensação de incompletude, ao mesmo tempo de descoberta, em seu aprendizado cognitivo e social. Também é comum o desejo de mudança. Entretanto, como a cidade é plural do ponto de vista da sua estrutura urbana, da paisagem e das vivências, os jovens também são plurais. Esta diversidade provoca uma segmentação da cidade e diferenças nas experimentações de construção de sentido de identidade cultural no cotidiano e na paisagem. Os saberes e fazeres das juventudes são experimentações híbridas. É esta riqueza que tentamos perceber na paisagem cultural da cidade a partir da produção imagética de jovens de diferentes territórios da cidade. O corpo individual do jovem em diferentes bairros e a imagem técnica criada pela fotografia, pode estimular a imaginação para criação de novas imagens mentais da cidade. Resultaram em uma percepção plural, cheia de contrastes e tensões, envolvendo os temas propostos por Meinig (2003), relacionando à discussão sobre a paisagem cultural.

Há divergência quanto à conceituação do termo paisagem cultural dentre os geógrafos e demais autores que tratam do tema, enriquecendo cada vez mais o debate. Há os que privilegiam o natural, outros o cultural. Isso depende do enfoque de cada um e do direcionamento da pesquisa a ser desenvolvida. Entendemos aqui que não há oposições entre o natural e o cultural. A paisagem natural é modificada através da intervenção humana coletiva ou individual, portanto, expressão da cultura de um lugar e reflexo de seus habitantes.

Uma noção interessante para nossa análise do material produzido com os jovens alunos das escolas selecionadas, é a concepção de paisagem defendido por Suertegaray (2001) que abarca os elementos naturais, socioeconômicos, culturais e modificados pela ação humana, reconhecendo sua forma e função na sociedade. É algo abrangente essa análise, visto tratar-se de algo que envolve objetos e ações em constante dinamismo. A partir desse conceito pode-se analisar o espaço geográfico e os elementos naturais e artificiais nas dimensões culturais, sociais e econômicas. Essa materialização de objetos evidencia a participação humana na transformação da natureza, proporcionando comodidade e bem-estar aos indivíduos.

Ao buscar a leitura da paisagem cultural, partilha-se também da visão dos geógrafos Corrêa e Rosendahl (2004), que afirmam a possibilidade de lê-la e interpretá-la segundo as próprias concepções das pessoas. Urge atenção e aguçamento dos sentidos, imaginação e emoções para uma compreensão leitora eficaz dessa experiência. Os autores consideram a paisagem como um texto a ser lido. Gostaríamos somente de acrescentar que existem limites para esta leitura que se sustenta por somente um ponto de vista. Além disso, alguns elementos se apresentam ao leitor de forma imprecisa, gerando certa insegurança de comunicar a interpretação possível. Entretanto, a leitura possível expressa uma interpretação do sistema social, experimentado e explorado pelo observador. Dependendo do ponto de vista e do lugar que o sujeito social ocupa, é vista de formas diferentes. Cabe ao pesquisador entender o processo de construção da interpretação do interlocutor pesquisado. Neste caso, a paisagem é um emaranhado criativo de textualidades produzidas na interação entre diferentes interlocutores em relação.

A paisagem ultrapassa o visível, vai além do observável. Sua dinâmica é subjetiva, depende bastante de quem a observa, de seus interesses. Ao olhar para um mesmo cenário pode-se obter diferentes visões. Acredita-se que o vínculo múltiplo de diferentes interlocutores que geram diversas leituras, sem necessariamente pensarmos em um consenso, enriqueça o entendimento desse conceito.

Como entende Pires (2012) a paisagem não se restringe ao visível do ponto de vista geográfico. Ela remete a identificações culturais coletivas e individuais variáveis. São também agências individuais de construção de sentido. Identificações e sentidos que são sempre inseridos em processos de reconstrução constante que dependem de interesses, desejos e tensões subjetivas.

Corrêa (2011) partilha dos múltiplos aspectos da paisagem apontados por Cosgrove quando os relaciona às atividades e convicções humanas. É interessante não dissociá-los porque esse é o diferencial enriquecedor do conceito. Diversos enfoques podem ser considerados quando se analisa a paisagem e a interpreta, valorizando a multidimensionalidade que a envolve.

Desvelar o simbólico na paisagem é essencial, visto que a interpretação demanda conhecimento e observação minuciosa, capaz de apreender o subentendido. A sensibilidade do pesquisador pode levá-lo a observar pequenos detalhes que expressam pertencimento a

um grupo, nos diversos percursos trilhados. Esse olhar aguçado o leva a reconhecer minúcias na paisagem e empreender aventuras a fim de descobrir algo novo e desafiante. Agrega-se valor ao ponto de vista do pesquisador, a produção compartilhada de conhecimentos com seus interlocutores. Entendemos que os pesquisados não são somente fontes de pesquisa. São produtores de conhecimentos que entram em sinergia com a agência do pesquisador na interpretação do que é produzido junto com os interlocutores.

Sempre ocorrerão mudanças na paisagem, visto que ela é histórica e resulta da intervenção humana. Ela não está dissociada dos conflitos e tensões sociais entre diferentes segmentos da cidade. Ela tem uma dimensão política que a constitui. Referindo-se à dinamicidade da paisagem, Santos (2008) reconhece as formas viúvas e virgens da paisagem. As viúvas referem-se às formas que devem ser revitalizadas e as virgens configuradas para novos usos e funcionalidades. Seria mais viável a substituição dos termos “viúvas” e “virgens” por senis e jovens, respectivamente. Entretanto, complementamos que o conceito de revitalização não é autoevidente. Pode ser ressignificado de várias formas, gerando uma necessidade de posicionamento político para escolha das diferentes formas de concebê-lo. O poder público acaba sendo o árbitro e, em boa parte dos casos, o executor das intervenções diante das dificuldades de consenso sobre o que justifica a intervenção para mudança espacial.

Às vezes, mudanças abruptas no urbano não são questionadas pelos habitantes, mas essas configurações da paisagem são desprezadas / inviabilizadas por não expressarem a identidade cultural de uma maioria, por vezes relegada à “inclusão precária”, expressão de Haesbaert (2023). Em Sobral determinadas paisagens foram revitalizadas, na concepção do poder público municipal, proporcionando jovialidade ao urbano. De fato, a ideia de “revitalização” deve ser pensada como uma imposição de sentido para o que se espera da paisagem local por parte de um segmento social que ocupa uma posição de poder no sentido de definir como deve ser, na sua visão, o uso do espaço. O caso da Margem Esquerda do Rio Acaraú é exemplar, pois, antes da “revitalização” feita em 2004, como nos lembra Freitas (2010), era um espaço vivo, ocupado por muitas pessoas, especialmente nos finais de semana para diversão, usando as margens do rio como “praia”. A questão da revitalização passa pela necessidade de dar vida ao local. Como dar vida a um local que já é vivo de práticas?

É estranho um espaço tornar-se invisível. Talvez a indiferença e o descontentamento de alguns devido a determinada intervenção na paisagem. Entretanto, sempre há novos modos de ser / conviver e aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais que influenciam nessa reconfiguração da paisagem.

Trabalhar com a imagem técnica expressa pela fotografia, traz algumas nuances importantes para análise do pesquisador. Segue algumas reflexões sobre o tema.

2. O PODER DAS IMAGENS

Samain (2012) indaga a um amigo em correspondência pessoal: “O que pensam as fotografias?” O amigo é enfático ao afirmar que as fotografias são mudas, somente os fotógrafos têm a possibilidade de falar, mas isso é feito através da sua produção, aguçando assim o imaginário do observador que atento capta o que se encontra velado.

É evidente que as fotografias não pensam ou falam, literalmente, mas ao serem produzidas há a intencionalidade do fotógrafo que precisa ser analisada criticamente. Além disso, há uma gama de possibilidades ao interpretar a imagem quando é vista por pessoas diferentes. A imaginação é também acionada nessa missão. Ousa-se dizer que tocam o coração ou sussurram. Essa capacidade de sensibilizar é algo intrínseco a elas. Urge contemplá-las com ouvidos atentos para entender sua voz.

O olhar também exerce uma função vital para a interpretação da fotografia, uma vez que ela se encontra repleta de informações. Somente com atenção pode-se detectar detalhes da paisagem vista na fotografia. As sensações são individualizadas, sendo distintas ao fotógrafo e demais apreciadores. Como lembram Nascimento e Steinke (2018), a fotografia é a intersecção entre experiência vivida, seleção e enquadramento e forma de olhar do indivíduo sobre algo. Gostaríamos de acrescentar que o equipamento também é agente construtor de sentido, de acordo com sua capacidade e configuração.

Flusser (2009) alerta sobre a influência do fotógrafo sobre os observadores da fotografia, o poder do aparelho fotográfico sobre o profissional que o manuseia e da indústria sobre o aparelho. Trata-se de um jogo de domínio que se dilata, propagando-se cada vez mais e atingindo a todos. Há uma série de influências atuando na captação ou produção de fotografia. Há o poder do fotógrafo, da câmera e da indústria fotográfica que

cria o seu programa. Por sua vez, a indústria faz parte de um programa maior de expansão industrial do sistema econômico do país e do mundo. Essa simbologia se expande e gera uma hierarquia. O poder fascina a todos que o detém. Cada ser impõe sua autoridade sobre os subordinados, ampliando o jogo que por vezes é desumano e perverso.

O ato fotográfico requer estudo acurado dos fenômenos envolvidos. Isso no caso do fotógrafo profissional. O profissional interage com o programa e os limites do aparelho e do ambiente, na busca do melhor ângulo. Ao capturar imagens, se o gesto for preciso, alicerçado no conhecimento técnico, busca uma imagem que agrada a seu ego. Não é um resultado que satisfaz totalmente sua vontade e seu desejo porque precisa negociar com os demais agentes componentes do processo de fotografar, inclusive o ambiente, o que aparece em primeiro plano, o que aparece em segundo plano, a iluminação, o aparelho e seus limites e possibilidades, dentre outros agentes, interesses e desejos envolvidos.

Não é tanto o caso de nossos jovens fotógrafos que foram chamados para realizar este trabalho aqui exposto textualmente, já que não são profissionais. No caso destes jovens, a ideia de que estão retratando a realidade ainda faz parte de suas compreensões. Além disso, o aparelho age muito mais na realização da fotografia, pois o comum é colocar no automático, sem tanta preocupação com o controle do aparelho no que se refere a ISO, diafragma e obturador, dentre outras funções.

Independentes de ser profissional ou não, as imagens apresentam significações efetivadas na cidade ao longo de diferentes períodos na concepção do fotógrafo. A paisagem na dimensão cultural prioriza o conhecimento sob a ótica da subjetividade, já que a fotografia é conceito ou concepção imagética do que se enquadra, não um retrato fiel da realidade. Por isso, uma leitura imagética da paisagem na dimensão espaço-temporal privilegia a reflexão crítica dos diferentes momentos pelos quais a sociedade vivenciou. A releitura do passado para apreensão do presente, eis a importância das imagens na comprovação da dinamicidade das transformações efetivadas na paisagem, pelo tempo (COELHO, 2009). De fato, o presente está emaranhado de memórias construídas que são resignificadas e a fotografia pode ajudar a construir uma forma de comunicação desse emaranhado de forma criativa. Vamos apresentar agora de forma breve o contexto socioespacial explorado por este trabalho.

3. PAISAGEM URBANA DA SEDE DE SOBRAL

Segundo a Revisão do Plano Diretor de Sobral (2020, p. 36 – 37) a sede municipal possui 35 bairros agrupados em 12 territórios: *Alto da Brasília* (Alto da Brasília, Novo Recanto e Jerônimo de Medeiros Prado); *Padre Palhano*; *Expectativa* (Expectativa, Juvêncio de Andrade, Parque Silvana e Coração de Jesus); *Dom Expedito* (Dom Expedito, Várzea Grande e Antônio Carlos Belchior); *Caiçara*; *Sinhá Saboia* (Sinhá Saboia, COHAB I, COHAB II, Distrito Industrial e Jatobá); *Cidade Gerardo Cristino*; *José Euclides* (Cidade Dr. José Euclides e Vila União); *Dom José* (Dom José, Sumaré, Juazeiro e Edmundo Monte Coelho); Renato Parente (Renato Parente, Nossa Senhora de Fátima e Cidade Pedro Mendes Carneiro); *Alto do Cristo* (Alto do Cristo, Campo dos Velhos, Junco, Domingos Olímpio e Padre Ibiapina); *Centro* (Centro, Pedrinhas e Jocely Dantas de Andrade Torres). No censo demográfico de 2022 (IBGE - Sistema Cidades), a população de Sobral é de 203.023 pessoas, o que a coloca como terceira mais populosa do estado brasileiro do Ceará, excluindo as que abrigam maior população e estão na Região Metropolitana de Fortaleza. Tem uma taxa de urbanização de 88,35%, segundo a mesma fonte (IBGE).

Um olhar impregnado de interpretação cultural é o que se aspira ao pesquisar Sobral e sua paisagem, sua singularidade, seu conjunto arquitetônico / histórico, suas disparidades nas edificações: algumas suntuosas e outras bem rústicas. Algo visível, denotando o poderio da elite e a pobreza de muitos moradores.

A paisagem manifesta também a dimensão histórica, visto ser composta por homens /mulheres que agem socialmente e produzem o espaço segundo modelo opressor e gerador de contrastes que são visíveis ao observador crítico capaz de questionar discrepâncias e intervir, quando possível, modificando a realidade.

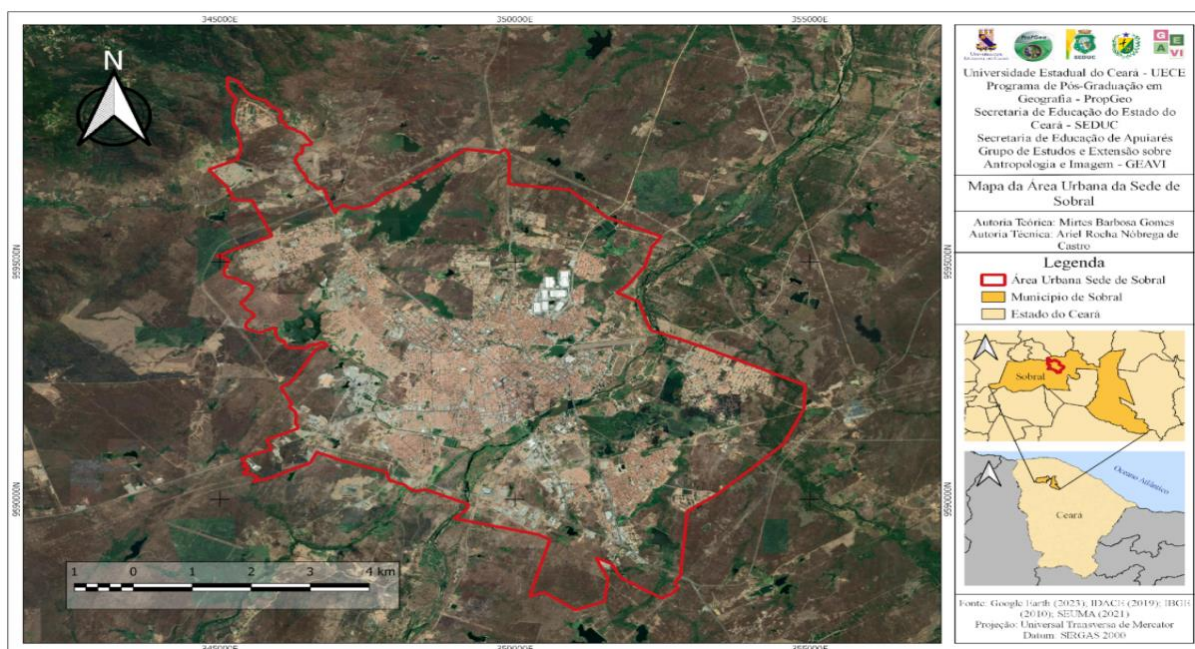
Os moradores da cidade transformam a paisagem com o seu jeito de viver, organizar e adaptar espaços a partir de suas experiências ou necessidades. Carlos (2008, p. 24), posiciona-se sobre essa transformação ao enfatizar que a paisagem é uma composição humana, envolvendo história e vida no presente e no passado. Gostaríamos de acrescentar que também remete a uma utopia de futuro, que projeta no presente a necessidade agências de construção de sentido que nem sempre são consensuais. As desigualdades são resultantes do processo de produção do espaço urbano.

Baldin (2021) afirma que é na cidade que se manifesta o conceito de paisagem porque nela se percebe a intervenção antrópica e a ação ambiental. Não só o olhar, mas o sentir desse movimento dinâmico, num processo histórico dialético por vezes permeado de desentendimentos, constrói a cidade.

Segundo Gomes (2019), nas políticas patrimoniais de Sobral são preservados bens arquitetônicos de diversos estilos pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN em função de seu tombamento como patrimônio histórico nacional em 2000, pertencentes a uma minoria privilegiada socialmente, relegando outros ao apagamento. Na lista patrimonial, constam vinte (20) praças, oito (08) igrejas e quarenta e cinco (45) prédios civis, pertencentes à elite, mesmo com uma poligonal de tombamento com área de 5,33 km. Ainda prevalecem os nomes de famílias notáveis que se sobressaíram na política, pecuária, comércio, indústria e terceiro setor da economia. Faz-se crítica a este modelo conservador e excludente, crendo na cultura de todos os moradores, não apenas nos detentores do poderio político, econômico e social.

Apresenta-se o mapa da área urbana da sede de Sobral, destacando o referido município no Estado do Ceará.

Figura 1: Mapa da Área Urbana da Sede de Sobral em 2023.



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

Feita esta breve apresentação, segue a metodologia usada na pesquisa.

4. METODOLOGIA

A pesquisa está em desenvolvimento e se sustenta em uma experiência *in loco* que propiciou a captura de alguns aspectos da paisagem através de um olhar contemplativo à sociedade e à natureza, observando a transformação cultural do espaço por parte de jovens selecionados nas escolas já mencionadas por professores da área de geografia. Observar a rotina da cidade, dos moradores a partir da fotografia ajudou a desvelar alguns pormenores, mas reconhece-se que há muito a ser descoberto. Cabe educar os sentidos a fim de conhecer mais sobre as histórias desse lugar. Isso porque são histórias múltiplas que se cruzam, se chocam, se evitam e se misturam, ao mesmo tempo.

Discentes do ensino médio de escolas públicas da sede do município foram a campo fotografar a paisagem cultural, a partir da categorização sugerida por Meinig (2003) e também apresentar sua percepção sobre a imagem coletada.

A pesquisa tem a proposta de produção compartilhada de conhecimento com os interlocutores, usando a imagem técnica como linguagem. Isso quer dizer que reconhecemos que o aluno escolhido não é simples produtor de fontes primárias ou “objeto” da pesquisa. É também agente produtor de sentido para o espaço que vive a partir de códigos de linguagem que aprende na sua vida. Pensando que pesquisador e pesquisado constroem o conhecimento juntos, entendemos que a pesquisa não é sobre os jovens e suas imagens, é “com” os jovens e suas fotografias. Para realização concreta desta proposta de reconhecimento dos jovens que participam não mais como “informantes”, mas como “interlocutores”, a investigação está alicerçada no método dos Círculos de Cultura, do educador Paulo Freire (1921-1997) que apregoa o protagonismo juvenil, aprendizado eficaz, senso crítico e autonomia, tendo o diálogo como princípio norteador e a ação como experiência significativa para o conhecimento.

A intervenção pedagógica nas escolas de ensino médio Dr. João Ribeiro Ramos e Professor Luis Felipe consiste em produzir avanços, não só na reflexão sobre a paisagem cultural, mas também acaba esbarrando na contribuição no processo ensino-aprendizagem dos estudantes ao captarem fotografias urbanas, demonstrarem sua percepção e comentarem por escrito. O resultado está sendo uma percepção plural, cheia de contrastes e tensões da

paisagem, envolvendo os temas propostos por Meinig (2003), relacionando à discussão sobre a paisagem cultural.

Houve uma culminância para apreciação do material obtido, sendo expostas diversas imagens da cidade a fim de que o observador(a) possa comentar aquela causadora de sensibilidade ou estranhamento. Aqui vamos expressar algumas destas impressões por parte dos discentes.

5. PESQUISA DE CAMPO: VERSÕES DA PAISAGEM SOBRALENSE

A inspiração para definirmos os temas que foram explorados com os jovens surgiu a partir da leitura do artigo de Meinig (2003), que concebe a paisagem como “natureza”; “habitat”; “artefato”; “sistema”; “problema”; “riqueza”; “ideologia”; “história”; “lugar” e “estética”. Entendendo que o autor sugere uma metodologia interessante, elaboramos a intervenção pedagógica já mencionada e registramos os depoimentos dos alunos. A pesquisa aqui apresentada é resultado parcial de investigação sobre a paisagem do patrimônio cultural da cidade de Sobral. Como não vai ser possível apresentar aqui todo o material já organizado em função de sua riqueza e quantidade (quase 100 fotos), selecionamos duas imagens de cada item e comentários de dois alunos que entendemos ser significativo para expressar uma tendência de percepção comum sobre a paisagem. seriam dois pontos de vistas, dentre vários, possíveis de interpretar.

Urge vivenciar diversas sensações proporcionadas pela paisagem urbana ao analisar Sobral segundo as dez versões propostas por Meinig (2003) que esclarece a importância de captar a essência paisagística não apenas com os olhos, mas também com o intelecto. A paisagem pode ser apreciada sob diferentes olhares que a definem, mas além do percebido há ainda o que é projetado pela mente, fascina e desperta sensações. Embora cada observador aprecie a mesma cena, a percepção desta será diversa para cada um que não se detém em elementos aleatórios, mas na essência paisagística, por vezes, velada. Na sequência, selecionamos somente duas fotos de cada conceito para análise, com comentários dos alunos. Não identificamos seus nomes para preservar a integridade moral dos jovens.

5.1. “PAISAGEM COMO NATUREZA”

Sabe-se que os recursos naturais são imprescindíveis às demandas da sociedade, no entanto a exploração em larga escala impacta seriamente a sustentabilidade ambiental. Foi comum entre os alunos registrar flores, plantas, árvores e vegetação em geral do espaço urbano, o que remete a uma concepção de natureza relacionada à exuberância vegetal em destaque, nem sempre pensando na sinergia provocada pela interferência cultural. Este foi o tema que mais gerou fotografias e interesse por parte dos alunos. É o caso da figura 2 mostrada logo abaixo que gerou o seguinte comentário de aluno da Escola Luis Felipe: “Nesta fotografia vemos como é bonito o verde das árvores, tudo ficar melhor: o ambiente, a vibe. “Foto localizada dentro do Cirão³” (sic)”.

Algumas exceções de imagens de plantas, flores e frutos, foram percebidas como é o caso desta fotografia na figura 3.

Figuras 2 e 3: Paisagem como natureza na concepção de jovem estudante do ensino médio de Sobral



O aluno que fotografou esta imagem é da Escola Luis Felipe e disse o seguinte sobre ela:

³Aqui ele se refere ao Centro Educacional de Referência Prefeito José Euclides Ferreira Gomes Júnior - CERE, conhecido popularmente como Cirão.

No meu ponto de vista, de alguns anos até aqui lugares de várias partes de sobral com bastante movimento vem se ocupando com plantas coqueiro, flores e etc tornando a cidade visivelmente bonita e mais fria pois a vegetação além de trazer sombra ajuda a absorver o calor, e assim amenizando o aquecimento, fora diversas outras qualidades e benefícios que tem ao plantar.

Neste caso em específico, percebe-se um desejo pelo bem-estar social, associando elementos de vegetação com a urbanização, segundo o entendimento do aluno. Para ele este movimento já vem acontecendo a alguns anos, provocando o bem-estar do ponto de vista climático. É o caso de entendermos que a paisagem não é só uma descrição do olhar, mas também uma interveniência do agente no sentido de provocar um momento sustentado no desejo de uma cidade mais saudável. Há um ato político e moral expresso pela produção da imagem e pelo comentário dela.

5.2. “PAISAGEM COMO HABITAT”

Compreende-se a paisagem a partir das intervenções efetivadas em um recorte delimitado do espaço construído no qual o morador da cidade impõe marca cultural. A cidade é compreendida como a morada do homem / mulher pelo esforço dele (a) de construir, adaptar, ajustar e transformar a natureza, criando novos recursos para a sua subsistência. Há uma integração com o mundo natural e os traços deixados por ele (a), através da apropriação e aperfeiçoamento tornam o ambiente prazeroso, valorizado e adequado para habitar.

Na percepção dos alunos, o lugar de moradia se destaca neste item. A figura 4 mostra isso:

Figuras 4 e 5: Paisagem como habitat na concepção de jovem estudante do ensino médio de Sobral



O aluno da Escola Luis Felipe comenta o seguinte sobre a imagem:

Essa é a rua em que moro, nela há bastante casas e por isso selecionei ela como habitat, porém, nela tbm há elementos da natureza como as árvores, e o céu nublado, esse estilo de perspectiva mostra bastante os vários elementos que ela possui, as casas, os postes de luz, as árvores, o céu, as nuvens e os carro em frente as casas (sic)

O estudante da Escola Ribeiro Ramos comenta o seguinte sobre a figura 5 que apresenta a foto que produziu:

Esse aconchego fica longe da agitação do centro. É apropriado para descansar, relaxar e desfrutar de uma vista incrível. O que importa é o sossego, longe do trânsito, ter oportunidade de conhecer os vizinhos, respirar um ar menos poluído, estar em contato com a natureza e até praticar esporte. Dá para pensar em uma vida melhor

O (a) estudante entende o habitat como o lugar de aconchego e busca da paz onde mora, mesmo com algumas intempéries causadas pelo trânsito na cidade e pela poluição. A busca do sossego parece mostrar um desejo e, ao mesmo tempo, uma agência de construção de sentido em busca desse anseio. É uma utopia que se quer implementada. Alguns lugares possuem o potencial para isso, com ar menos poluído e com o contato com a natureza, segundo a concepção que possui sobre essa versão.

5.3. “PAISAGEM COMO ARTEFATO”

Os códigos culturais se manifestam na paisagem, tornando-a singular pelos artefatos engendrados pelos indivíduos. Essas manifestações espaciais revelam as técnicas

empregadas na intervenção paisagística. Essa é a contribuição da paisagem para a sociedade: impor sua singularidade, manifestar sua evidência através de sua marca identitária que difere uma cultura da outra. Sobral apresenta exemplos dessa visão em suas praças, parques, arquitetura, planetário, monumentos e outros símbolos que podem ser apreciados por visitantes, turistas e moradores.

Como sugere Santos (2006), não podemos confundir espaço com paisagem. A paisagem tem relação com formas que mostram heranças de inversões do ser humano, situadas no tempo histórico. O espaço também são formas, mas também a vida que o anima. Os alunos das escolas pesquisadas, em suas imagens, trazem muito mais elementos culturais do que ambientais. As figuras 6 e 7 trazem bem isso.

Figuras 6 e 7: Paisagem como artefato na concepção de jovem estudante do ensino médio de Sobral



Sobre a figura 6, o aluno da Escola Ribeiro Ramos fala o seguinte:

Esses artefatos ciganos são compostos por almofadas, cortinas, toalhas muito coloridas, bonitas e também por pequenos bibelôs, potes, utilizados para pôr água, miniaturas de panelas de barro. Nota-se ainda uma imagem de Nossa Senhora Aparecida. É nítida a criatividade desses artistas

O destaque do estudante remete a uma forma de afirmação de identidade cigana. Provavelmente o (a) discente mora no bairro Sumaré onde abriga a maior parte dessa comunidade. Até pode fazer parte dela. A agência desse (a) estudante remete a uma espécie de resistência étnica desta comunidade que nem sempre é lembrada pelas políticas em

diferentes áreas na cidade. Já o estudante da escola Luis Felipe destaca o seguinte sobre a figura 7

O cantor e compositor Belchior foi homenageado com a estátua em tamanho real na rua menino de Deus na praça em frente o teatro São João a estrutura é feita de argila depois moldada em silicone e gesso depois a peça é forjada em bronze” (sic).

Refere-se a um artista popular da MPB que só foi lembrado em Sobral após seu falecimento. É comum, nas cidades, os monumentos serem usados por determinados segmentos sociais prestigiosos como exemplo ou ensinamento de uma determinada forma de ver a moral e a história da cidade. Le Golf (1984) vai dizer que os monumentos são escolhas daqueles que operam o desenvolvimento temporal. Até seu falecimento em 2017, Belchior não havia sido agraciado com um monumento, somente quando o cantor, que se isolou do mundo, ficou famoso na mídia, foi lembrado seu local de nascimento e homenagens foram feitas, tentando se “comercializar” uma determinada imagem da cidade 17 anos antes, tombada como patrimônio histórico nacional. O monumento é ainda mais popular porque a pessoa pode sentar e tirar fotos com ele como se estivesse ouvindo-o cantar. É um artefato que serve para investir em um sentimento de pertença à cidade mesmo que o cantor tenha passado boa parte de sua vida fora dela.

5.4. “PAISAGEM COMO SISTEMA”

Esta concepção trata da interconexão dos elementos naturais e culturais que existem na cidade. Cada elemento é visto como parte de um conjunto, exercendo uma função no sistema, através de interação com os demais componentes. Tudo está interligado. Nas imagens das figuras 8 e 9 produzidas pelos alunos, não se percebem pessoas, mas o conjunto sistêmico de diversos elementos.

Figuras 8 e 9: Paisagem como sistema na concepção de jovem estudante do ensino médio de Sobral

O aluno da Escola Luis Felipe, comenta sobre sua imagem (figura8):

A imagem basicamente passa a ideia sobre um conjunto habitacional simples, no entanto ele demonstra ser bem equilibrado com parte “natural” (com as árvores e as pequenas plantas nascendo nas calçadas) e a parte da construção humana (com as casas, ruas e calçadas) (sic).

Passa a ideia de equilíbrio entre os diversos elementos naturais e de construção humana. Não pensa na tensão e conflito até porque o enquadramento produzido parece não ter sido pensado nesta perspectiva. Outro aluno da mesma escola, fala sobre a imagem da figura 9 o seguinte:

O VLT é um Sistema que funciona em conjunto com dois veículos, caso ocorra de um atrasar o outro também atrasa, isso afeta os horários de todas as estações o que acontece um atraso de 5 a 20 minutos nos horário padrão, o que também ocorre é de as pessoas que pegam o VLT como alunos de rede pública e privada, trabalhadores que chegam ao seus destinos atrasados devido a um mal funcionamento, um imprevisto nos trilhos, quando um atrasa o outro precisa esperar para os dois saírem juntos na mesma estação, isso é um exemplo de sistema (sic)

O aluno fala mais do que simplesmente descrever o sistema. Fala das implicações do sistema na vida das pessoas, quando não funciona bem. De fato, isso acontece e está marcado na narrativa do aluno. Portanto, existe um emaranhado de sistemas conectados. Quando um deles não funciona, os demais são prejudicados. É o caso do trabalho e das escolas que exigem horários certos de entrada e saída.

5.5. “PAISAGEM COMO PROBLEMA”

Geralmente o que se deseja apresentar é a paisagem bela e exuberante como a de um cartão postal quando se fala do seu lugar, mas o meio ambiente vem sendo atacado por adversidades como poluição, sujeira e outros agravantes que denotam ambição e descaso com o planeta e com as pessoas. Os que concebem a paisagem como problemática não ficam insensíveis às mazelas da sociedade, mas ao detectar danos, lutam por melhorias para os desfavorecidos. São capazes de aliar consciência política e mobilizar o poder público a fim de reverter esse entrave. Quando se percebe que algo inadequado buscam-se alterações a fim de que tudo flua normalmente. Superar revezes é imprescindível.

Após observação criteriosa, detectou-se em alguns bairros sobralenses algo que exige atenção dos poderes públicos, tais como arborização escassa, poluição visual, sonora e atmosférica, inexistência de apoio a turista, resíduos sólidos espalhados em via pública, água parada em praças, transporte público ineficaz, sistema de Veículo Leve sobre Trilhos (VLT) operando com carril próximo às residências, causando transtorno e risco de acidentes, monumentos sem placas, venda de produtos perecíveis, em avenida movimentada, sem nenhuma refrigeração, calçadas irregulares, esburacadas e cobertas de capim, mendicância, pobreza, pessoas dormindo ao relento ou sob marquise, residências destruídas, desprezadas / abandonadas, dentre outros. Na visão de uma estudante, podemos acrescentar alguns elementos, como se pode ver na fotografia abaixo:

Figuras 10 e 11: Paisagem como problema na concepção de jovem estudante do ensino médio de Sobral



O lixo foi o problema mais comum identificado pelos estudantes. Um estudante da Escola Ribeiro Ramos fala o seguinte sobre a figura 10: “A falta de educação da população junto ao descaso público traz esses problemas como o caso do lixo não só na periferia, mas até no centro” (sic). O mesmo problema é identificado por outro estudante da Escola Luis Felipe na figura 11. Sobre isso ele/ela escreve:

Esses restos de lixos deixados por moradores locais, são localizados perto da escola Luis Felipe, sim é uma imagem um pouco angustiante em saber que várias outras pessoas possam fazer isso ou até pior em outros lugares... E isso não se deve fazer ao fato de haver vários alunos que se passam por aquele lugar... (sic)

Enquanto o primeiro fala da população e do poder público como responsáveis pelos problemas ocasionados pelo acúmulo de lixo, o segundo fala somente da população e da angústia de saber que várias pessoas fazem isso. O poder público não entra na narrativa do segundo aluno, o que remete a um problema de falta de educação e desrespeito da população com relação a isso, enquanto o primeiro trata também de questões de gestão pública dos resíduos sólidos e do meio ambiente.

5.6. “PAISAGEM COMO RIQUEZA”

Essa visão é orientada para a economia de mercado. Há aqueles que veem a especulação como uma forma de conquistar bens materiais e buscam avidamente algo para lucrar, mesmo que isso impacte na vida do semelhante ou cause devastação dos recursos naturais. Na paisagem como riqueza se evidencia o poderio econômico, a margem de lucro, a ostentação monetária.

O poderio das elites está impregnado nas paisagens, uma vez que essa influência dita as relações sociais, políticas, culturais, religiosas e econômicas. Constatam-se, na paisagem cultural, as relações de poder exercidas pelos dominantes que se apropriam dela, objetivando impor sua influência. Os elementos paisagísticos são visíveis nas transformações, edificações e adequações do espaço. As classes favorecidas possuem mecanismos de ajuste segundo seus intentos, obtendo prestígio social. As imagens produzidas pelos alunos versam sobre isso. Seleccionamos duas delas:

Figuras 12 e 13: Paisagem como riqueza na concepção de jovem estudante do ensino médio de Sobral

Segundo o estudante da Escola Luis Felipe, a figura 12 trata do seguinte: “Espaço com valor de imóvel impensável para a maioria da população, gerando segregação de pessoas por classe social”. Portanto, a imagem fala da segregação socioespacial da cidade, especialmente da especulação imobiliária, onde a maioria dos moradores não teria acesso a bens mais luxuosos ofertados pelo mercado. Outro aluno da Escola Luis Felipe mostra outro aspecto da “riqueza”, pensando uma dimensão positiva do conceito na figura 13:

A riqueza de um momento está na capacidade de apreciar e valorizar as pequenas coisas da vida. É quando paramos para observar uma paisagem bonita, como um pôr do sol colorido ou um campo florido que percebemos o quão maravilhoso é estar vivo. Esses momentos nos lembram da beleza que existe ao nosso redor. A riqueza está na simplicidade e na capacidade de encontrar alegria nas coisas mais simples da vida.

É até curioso o condomínio fechado e luxuoso ser associado a “coisas simples da vida”. Talvez a imagem possa remeter a alguma lembrança relacionada a algo descrito no texto pelo (a) jovem. Isso só reforça o poder de estímulo à imaginação que a imagem técnica pode ter. A imagem gera muitas interpretações.

5.7. “PAISAGEM COMO IDEOLOGIA”

Essa concepção ultrapassa a materialidade ao preocupar-se com a política e com a moral no que se refere à paisagem. Evidencia-se a presença do aparato ideológico presente na paisagem que se encontra impregnada de interesses políticos, econômicos e sociais, dando visibilidade a determinadas culturas e inviabilizando outras.

Conforme Duncan (1990, apud Ribeiro 2007) há interesses sociais imbricados na paisagem que nunca é neutra, mas permeada de atitudes humanas contraditórias. As imagens produzidas pelos alunos mostram isso nas figuras 14 e 15.

Figuras 14 e 15: Paisagem como ideologia na concepção de jovem estudante do ensino médio de Sobral



Na figura 14, um aluno da escola Luis Felipe fala o seguinte:

Valoriza a união nacional, a preservação das tradições e a identidade cultural. Ela defende a soberania do país e os valores tradicionais da sociedade. Ela representa em Sobral o ensino e a chance de ter um futuro para muitos jovens.

A figura é curiosa porque mostra a fachada de um centro universitário privado e o comentário fala de valorização da união nacional. Logicamente que o (a) jovem está se referindo ao dono da faculdade que é do partido União Brasil e tem discursos bastante conservadores de preservação das tradições e soberania do país. Está fazendo uma espécie de propaganda da posição política do proprietário dessa instituição que é pré-candidato a prefeito de Sobral, em oposição ao atual prefeito Ivo Gomes (gestão 2020/2024), o que mostra a paisagem com uso ideológico. Já outro aluno da escola Luis Felipe, fala de outro aspecto da paisagem na dimensão ideológica se baseando na figura 15:

Conhecida como a igreja da Sé, feita em 5 de novembro de 1778, época do período colonial em que Sobral já era uma próspera vila, construída por escravos, tendo um oblíquo onde usavam para torturá-los.

O Pelourinho era erguido em toda Vila no Brasil Colônia como um símbolo de

importância administrativa. Nas fazendas, também existiam, mas como edificação privada, local onde eram castigados os escravizados. O (a) estudante quis ressaltar uma narrativa de prosperidade da cidade desde o período colonial e o pelourinho representava isso; possuir escravos demonstrava estabilidade financeira e sucesso. Por outro lado, evidencia práticas hoje consideradas perversas e abusivas como comprovadas pelo (a) jovem.

5.8. “PAISAGEM COMO HISTÓRIA

A arquitetura expressa intencionalidade nas construções e ao analisá-la detecta-se resquícios de mudanças na organização socioespacial, situando-a no tempo histórico. Além disso, Claval (2012) mostra a paisagem como símbolo de afetividade, memórias pessoais e coletivas. Ele reforça que as construções são planejadas com uma visão de futuro imbricada de interesses, ideologias e refletem as tensões sociais e a diversidade de posições sobre a questão. Nas figuras 16 e 17 veremos o que pensam alguns alunos sobre isso.

Figuras 16 e 17: Paisagem como história na concepção de jovem estudante do ensino médio de Sobral



Aluno da escola Ribeiro Ramos fala o seguinte sobre a figura 17:

Olhando para a arquitetura da cidade de Sobral, temos a noção da riqueza cultural da cidade com seus prédios cheios de detalhes e riquezas. O passado conta a história através da paisagem que podemos ver. O centro de Sobral ainda apresenta muitos prédios antigos, casarões do século passado. É uma pena perceber que muita coisa já foi destruída

A imagem mostra a Igreja do Patrocínio, local onde se localiza também o Museu do Eclipse e o Planetário de Sobral. O referido museu lembra de experimento empírico

realizado na cidade em 1919 por missões estrangeiras que comprovaram empiricamente a Teoria da Relatividade Geral de Albert Einstein. Em 2019 houve grande evento patrocinado pelos governos municipal, estadual e federal em comemoração aos 100 anos do evento⁴. Ao destacar a Igreja, além de lembrar deste episódio que marcou a ciência mundial, também fala de um discurso comum de que Sobral é uma cidade católica. O que mostra muito mais a força política da Igreja católica na cidade do que um fato, já que existem inúmeros terreiros de religião afro-ameríndia, dentre outras Igrejas de diferentes religiões. Mas, a lembrança que vem na cabeça de muitos moradores é a marca da Igreja católica. Talvez esta imagem, que na concepção do aluno conta a história, conta também a dimensão política e moral da história como agência de construção de sentido que estimula os moradores da cidade a pensarem-na como uma versão incontestável.

Já um aluno da Escola Luis Felipe, fala o seguinte sobre a figura 16:

A imagem em destaque retrata uma lagoa que tem uma grande história, pois por muitos anos era ponto de lazer sobralense que beneficiava da amena aragem do lugar e contemplava os perfumados aguapés.

O aluno está falando da Lagoa da Fazenda que abriga um parque com algumas áreas de lazer. Em abril de 2022 foi reformada⁵, o que não parece contemplar as expectativas do aluno que coloca sua importância para o lazer no passado. Talvez o local tenha sido motivo de lembranças agradáveis no passado, mas, segundo o aluno, isso se perdeu. Vale a pena lembrar que a memória não se sustenta em lembranças factuais do passado. Ela é ressignificada pelo presente de forma seletiva e parcial por parte de quem lembra. É carregada de desejos e afetos que, em muitos casos, remetem a uma vontade de um futuro melhor. Talvez seja isso que motiva o aluno a falar desta forma: o desejo por uma configuração da paisagem que não existe mais.

5.9. “PAISAGEM COMO LUGAR”

O ambiente é apreendido por todos os sentidos e torna-se ímpar, capaz de despertar o interesse, o bem-estar, interferindo na vida de cada pessoa de forma particular. Na tentativa de apresentar uma identidade própria, as cidades e seus lugares são caracterizados por

4Veja notícias sobre o evento pelo link: <https://www.sobral.ce.gov.br/informes/principais/sobral-celebra-o-centenario-do-eclipse-que-comprovou-a-teoria-da-relatividade#:~:text=Sobral%20celebra%20o%20Centen%C3%A1rio%20do%20Eclipse%20que%20comprovou,Albert%20Einstein%2C%20revolucionando%20o%20entendimento%20da%20ci%C3%A2ncia%20moderna.>

5⁴Ver notícia sobre o tema pelo link: <https://www.ceara.gov.br/2022/04/14/parque-lagoa-da-fazenda-e-equipamento-verde-entregue-requalificado-a-populacao-de-sobral/>.

singularidades que os particularizam das demais. No planejamento estratégico das cidades há uma intencionalidade de projetar uma identidade ao expor a cultura de determinado lugar, valorizando algo peculiar que a distingue das demais.

Figuras 18 e 19: Paisagem como lugar na concepção de jovem estudante do ensino médio de Sobral



Um aluno da Escola Luis Felipe, na figura 18, fala o seguinte:

Uma riqueza, lugar e história. Neste dia o céu estava lindo, no final do meio-dia. Então decidi bater essa foto, que com a junção da capela ficou incrível. Acho esse lugar muito admirável por ser o local onde Albert Einstein comprovou sua teoria da relatividade geral, ter o famoso museu do eclipse, igreja de nossa senhora do patrocínio e, o monumento em homenagem a fundação de Sobral. Sem contar com a natureza, bancos para se acomodar e gramas ótimas para piqueniquis com a família e amigos, passear com cachorros, jogar conversa fora, brincar e etc (sic).

O aluno que produz a foto da figura 18, não é o mesmo aluno da foto da figura 17 ao mostrar a Igreja do Patrocínio. Este parece ressaltar a importância histórica e o quanto o lugar é especial para a cidade. Ele até lembra outro aspecto da paisagem do local, além da comprovação empírica da Teoria da Relatividade Geral de Albert Einstein. É o monumento erguido para marcar a passagem de Sobral da condição de Vila para Cidade no início do Brasil republicano (FREITAS, 2021). É comum lembrar o momento como mito de origem da cidade. O momento é um símbolo jacobino que mostra uma disputa entre diferentes movimentos republicanos da época da Proclamação da República existentes no Brasil que tentavam imprimir suas marcas e simbologias, refletidos também na cidade de Sobral. Outro aluno da Ribeiro Ramos, sobre o tema, fala o seguinte sobre a foto da figura 19: “Avisto a ponte do Rio Acaraú durante a noite. Tudo é iluminado e a lua fica refletida na

água, próximo há capim e muitas plantas, muito bonito esse lugar”. Neste caso, o que prevalece é a beleza do lugar, provavelmente muito frequentado pelo aluno. Ressalta a elementos naturais, a iluminação e mostra um sentimento pelo lugar.

5.10. “PAISAGEM COMO ESTÉTICA”

Reconhecer essa versão consiste em apreciar o belo. Pelo menos foi a compreensão dos alunos envolvidos nesta pesquisa. Para eles, a estética apresenta a beleza da cultura, natureza e as intervenções humanas na paisagem. Cada morador individual ressalta elementos que não necessariamente coincidem com o que destaca o poder público. As figuras 20 e 21 destacam outros elementos.

Figuras 20 e 21: Paisagem como estética na concepção de jovem estudante do ensino médio de Sobral



O aluno da escola Ribeiro Ramos que produziu a foto da figura 20, diz o seguinte: “Em Sobral já é tradição as apresentações ciganas no mês de maio. É muito bonito ver a bandeira e as mulheres dançando, com alegria”. É o mesmo aluno que produziu a foto da figura 6. Aqui ressaltamos que a estética também fala de uma ética e de uma história, além de falar também do lugar, destacando o que mora, e das diferenças culturais.

Já um aluno da Escola Luis Felipe, comenta o seguinte sobre a foto da figura 21: “Aqui é uma paisagem que eu acho muito bonito que é a visão do Cristo redentor localizada no Alto do Cristo” (sic)”. Esta paisagem é a parte mais alta da cidade. O aluno não destaca somente o Cristo Redentor, mas também os muros marcados pelo graffiti, movimento forte na cidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobral tem um papel imprescindível na história brasileira oficial, visto ser tombada como patrimônio histórico nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, desde 2000. Urge estimular os sentidos, percebendo o contexto cultural urbano e desvelar realidades distintas e contradições que são peculiares a uma cidade complexa e multifacetada, confirmando as hipóteses levantadas no projeto inicial em que a paisagem cultural é vista como uma construção não consensual e resultante da territorialização da cidade por parte de seus moradores.

As paisagens representadas nas fotografias apesar de serem de uma cidade específica, com suas singularidades, trazem algo comum a outros centros urbanos como uma diversidade de artefatos, equipamentos culturais, poluição, fluxo intenso de veículos / pedestres, pobreza e a questão do lixo.

Espera-se que essa reflexão e uso de imagens contribuam para o conhecimento e agucem o senso crítico ao pensar o patrimônio cultural como plural e expressão das tensões e contradições da cidade. Os estudantes escolhidos nos mostraram isso, o que mostra também o potencial desta discussão com uso das fotografias como recurso pedagógico, método e fonte de pesquisa ao mesmo tempo.

BIBLIOGRAFIA

BALDIN, Rafael. Sobre o conceito de paisagem geográfica. **Paisagem e Ambiente: Ensaios**, São Paulo, v. 32, n. 47, p. 1-17, 27 maio 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/>. Acesso em: 7 jan. 2024.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2008. 98 p.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventudes e cidades educadoras**. Petrópolis: Vozes: 2003, 180p.

CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Geografia cultural: uma antologia** (1). Rio de Janeiro: UERJ, 2012. p. 245-276. Traduzido do francês por Márcia Trigueiro.

COELHO, Letícia Castilhos. A paisagem na fotografia, os rastros da memória nas imagens. **Gpit: Grupo de Pesquisa Identidade e Território UFRGS**, Porto Alegre, p. 1-22, 2009.

CORRÊA, Roberto Lobato. Denis Cosgrove - A paisagem e as imagens. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 29, p. 7-21, jan./jun. 2011. Semestral.

_____; ROSENDAHL, Zeny. Paisagens, textos e identidade: Uma apresentação. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: Uerj, 2004. p. 7-11.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Sinergia; Relume-Dumará, 2009. 82 p.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

FREITAS, Nilson Almino de. Ação, efeito e manobras: o "artefato primoroso" da monumentalização de Sobral e seus usos no campo político. in: FREITAS, Nilson Almino de; HOLANDA, Virgínia Célia Cavalcante & JÚNIOR, Martha Maria. **Múltiplos olhares sobre a cidade e o urbano**: Sobral e região em foco. Fortaleza/Sobral:UECE/UVA, 2010.

FREITAS, Nilson Almino de. Centro-monumento e a patrimonialização de Sobral, Ceará, Brasil. *PatryTer*, 4(7), 120–136, 2021. <https://doi.org/10.26512/patryter.v4i7.29311> .

GOMES, Mirtes Barbosa. **Paisagem urbana do sítio histórico de Sobral: o patrimônio como instrumento cultural**. 227 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia. Universidade Estadual do Ceará – UVA, Sobral, 2019.

HAESBAERT, Rogério. **Desterritorialização: uma perspectiva geográfica crítica**. (live) Faccat. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A6XFvcTBbmU&t=1592s> Acesso em: 23/08/2023.

MEINIG, Donald W. O olho que observa: dez versões da mesma cena. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 35-46, jan./jun. 2002. Semestral.

NASCIMENTO, Rafaela Araujo do; STEINKE, Valdir Adilson. Apontamentos teóricos para a relação entre paisagem e fotografia na Geografia. **Raega**, Curitiba, n. 44, p. 21-35, maio 2018. Quadrimestral.

PIRES, Cláudia Luísa Zeferino. Entre o aqui e o além lugar: a paisagem na cidade jardim. In: VERDUM, Roberto *et al* (org.). **Paisagem**: leituras, significados e transformações. Porto Alegre: Ufrgs, 2012.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem Cultural e Patrimônio**. Rio de Janeiro: Iphan/Copedoc, 2007. 150 p.

SAMAIN, Etienne. As imagens não são bolas de sinuca. In: SAMAIN, Etienne *et al* (org.). **Como pensam as imagens**. São Paulo: Unicamp, 2012.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4 ed. 2 reimp. - São Paulo: USP, 2006, 260 p.

SANTOS, Milton; ELIAS, Denise. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. 6. ed. São Paulo: USP, 2008. 132 p.

SOBRAL. Revisão Plano Diretor de Sobral. Disponível em: <https://www.revisaopdsobral.com.br/produtos> Acesso em: 10/10/2022.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Espaço geográfico uno e múltiplo. **Scripta Nova**, Barcelona, n. 93, p. 1-12, 15 jul. 2001. Disponível em: <https://www.ub.edu/geocrit/sn->. Acesso em: 18 ago. 2022.